

**A VISIBILIZAÇÃO DA NUDEZ DA PESSOA NEGRA COM
DEFICIÊNCIA: POR UMA ESTÉTICA ANTICAPACITISTA**

***The visibility of black people with disability nudity: for an
anti-capacitist aesthetic***

***La visibilización de la desnudad de la persona negra con
discapacidad: por una estética anticapacitista***

Fábio Abreu dos Passos¹

Robson Xavier da Costa²

1 Doutor em filosofia pela UFMG, bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, coordenador do Núcleo de Pesquisa Hannah Arendt e Artista Visual. É professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí. CV: <http://lattes.cnpq.br/5666709774218066> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7339-6689>. E-mail: fabiopassos@ufpi.edu.br

2 Pós-Doutor em Estética e História da Arte (MAC USP). Doutor em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU UFRN e Universidade do Minho Portugal). Mestre em História (PPGH UFPB). Especialista em Educação Especial (UFPB) e Educação e TICs (UFPB). Com formação em Arteterapia (Clínica Pomar RJ). Licenciado em Educação Artística – Artes Plásticas (UFPB). Artista Visual, Curador, Arte/Educador e Arteterapeuta. É professor da Universidade Federal da Paraíba. CV: <http://lattes.cnpq.br/3706411790927848>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3012-3741>. E-mail: robsonxavierufpb@gmail.com.

RESUMO

Vivemos no interior de sociedades alicerçadas sobre os efeitos dos dispositivos de controle, entre os quais estão os ideais normalizadores. Esses ideais edificam um binarismo estrutural: de um lado, os saudáveis, os eficientes, os perfeitos, os belos, os brancos; do outro, os doentes, as pessoas com deficiência, os imperfeitos, os feios, os negros. É no interior desse binarismo que se fomenta uma estética capacitista, que impõe sobre os corpos das pessoas com deficiência, sobretudo da população negra deficiente, uma densa obscuridade, que impede que esses corpos sejam tencionados a partir de uma dimensão estética. O presente artigo tem como objetivo pensar o “lugar” dos corpos das pessoas negras com deficiência em nossas sociedades, sobretudo em manifestações artísticas, ao mesmo tempo em que irá descortinar vias possibilitadoras de visibilização desses corpos, capazes de inaugurar uma estética anticapacitista.

Palavras-chave: Sociedades normalizadoras. Pessoa negras com deficiência. Artes Visuais. Capacitismo. Anticapacitismo.

Abstract

Societies are now based on the effects of control devices, within which are normalizing ideals of such societies. These ideals built a structural binarism: on the one hand, the healthy, the efficient, the perfect, the beautiful and the white; on the other, the sick, the handicapped, the imperfect, the ugly and the black. It is within this binarism that an ableist aesthetic is fostered, imposing on the bodies of disabled people, especially the disabled black population, a dense obscurity, preventing these bodies from being thought from an aesthetic perspective. This article aims to think about the “place” of the bodies of black people with disability in our societies, especially in artistic manifestations, while uncovering ways that enable the visibility of these bodies, capable of inaugurating an anti-ableism aesthetic.

Key-words: Normalizing societies. Black people with disability. Visual Arts. Ableism. Anti-ableism.

Resumen

Vivimos en sociedades basadas en los efectos de los dispositivos de control, entre los que se encuentran los ideales normalizadores. Estos ideales construyen un binarismo estructural: por un lado, lo saludable, lo eficiente, lo perfecto, lo bello, lo blanco; por otro, los enfermos, los discapacitados, los imperfectos, los feos, los negros. Es dentro de este binarismo que se fomenta una estética capacitista, que impone a los cuerpos de las personas con discapacidad, especialmente a la población negra discapacitada, una densa oscuridad, que impide que estos cuerpos sean tensados desde una dimensión estética. Este artículo tiene como objetivo pensar el “lugar” de los cuerpos de las personas negras con discapacidad en nuestras sociedades, especialmente en las manifestaciones artísticas, al mismo tiempo que develará formas que permitan la visibilización de estos cuerpos, capaces de inaugurar una estética anticapacitista.

Palabras clave: *Sociedades Normalizadoras. Personas negras con discapacidad. Artes visuales. Capacitismo. Anti-capacitismo.*

INTRODUÇÃO

A partir do desenvolvimento do estágio pós-doutoral em Artes Visuais, realizado na Universidade Federal da Paraíba (Brasil) entre 2020-2022, com a supervisão do professor pesquisador e artista visual Robson Xavier, com quem escrevo o presente artigo, tenho aprofundado nos estudos sobre arte e acessibilidade cultural. Nosso foco é tencionar a abjeção³ de corpos de pessoas com deficiência, ou seja, a degradação e a exclusão de corpos não-hegemônicos. Isso se deve ao fato de que vivenciamos nossas experiências existenciais no interior de sociedades cujas construções materiais e simbólicas negam a existência de corpos antinormalizados, a exemplo dos corpos de pessoas com deficiência. Dito de outra forma, grande parte das estruturas das cidades são construídas para que corpos que possuem constituições “normais” possam existir em seus interiores e, na mesma medida, há a edificação de barreiras materiais (arquitetônicas) e imateriais (idealizações de corpos) que dificultam a possibilidade das pessoas com deficiência existirem no mundo e, conseqüentemente, terem a devida percepção de sua corporeidade, despida das vestimentas que encobrem “sua” abjeção e lhes permitem serem aceitos no mundo.

Minhas experiências e vivências enquanto pesquisador-artista e pessoa negra com deficiência (paraplégico), somadas às experiências do Prof. Robson Xavier, pesquisador da área de arte, diversidade e acessibilidade culturais no Brasil, além de possibilitarem-me tencionar o que experiencio cotidianamente, a invisibilidade do corpo de uma pessoa com deficiência, nutrem meus textos acadêmicos, bem como a elaboração dos meus desenhos. Através dessas duas linguagens, busco problematizar a invisibilidade da corporeidade nua de pessoas com deficiência, sobretudo no interior de manifestações artísticas. Meu trabalho/pesquisa busca fomentar uma estética anticapacitista.

Por meio do desenho de corpos nus de pessoas com deficiência, busco questionar os padrões estéticos e demonstrar a feição capacitista da nossa produção do belo.

3 É fecunda a assertiva de Butler que aponta na direção de que existe uma matriz excludente a partir da qual os indivíduos são formados enquanto seres abjetos, os “não” sujeitos. “O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas ‘não-vivíveis’ e ‘inabitáveis’ da vida social que, não obstante, são densamente povoados por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para circunscrever o domínio do sujeito” (BUTLER, 2019, p.18). O abjeto é um estado de exclusão, de repulsa dentro dos termos impostos pela sociedade àqueles cuja humanidade é questionada e, desta feita, deseja-se que não esteja presente no âmago social. Seu lugar é nos bolsões da periferia, para onde são arremessados os inumanos, os anormais. Para demarcar o *lócus* onde cada um deve existir, prioritariamente deve-se produzir a ideia de humano e, conseqüentemente, de seu opositor, o “não humano”. Os seres humanos são construídos a partir de uma operação diferencial que fomenta o menos humano, o humanamente inconcebível, o monstro-humano. Essa operacionalização está alicerçada em critérios normalizadores tácitos, que são ideais sociais reguladores. A partir desses ideais, os corpos são treinados, edificados.

2 A ESTÉTICA CAPACITISTA: UM EFEITO DAS SOCIEDADES NORMALIZADORAS

As indagações sobre o tema possuem um pano de fundo: sociedades normalizadoras.⁴ O elemento que circula no indivíduo, como na sociedade, é a norma, a qual fomenta uma sociedade normalizadora: uma sociedade onde se cruzam a norma da disciplina e a da regulação (TUCHERMAN, 2012, p. 72). Se antes os mecanismos de poder se voltavam sobre o corpo individual, através da vigilância e dos treinamentos no interior de instituições, organizações e associações do carcerário, tais como as escolas, os hospitais, os quartéis, as oficinas etc, nas sociedades hodiernas, os mecanismos da biopolítica⁵ se acomodam sobre os fenômenos globais, que possuem uma natureza mais difícil e mais complexa. O biopoder se volta diretamente para o corpo-população em suas potencialidades. Nesse sentido, é notório que em nossas sociedades se avolumam dispositivos de controle do corpo, que procuram articulá-lo a partir de ideais normalizadores, construindo uma compreensão binária: de um lado, os normais, os brancos, os belos; do outro, os anormais, os negros, os feios. Esses dispositivos impõem restrições sobre os corpos, estabelecendo esquemas de controle que ora rebaixam o estatuto existencial da dignidade de alguns corpos ora os vinculam a padrões estéticos que excluem grandes seguimentos populacionais, como as pessoas negras com deficiência.

A edificação das sociedades normalizadoras deve ser tencionada enquanto efeito histórico de tecnologias de poder centradas na vida. É no interior dessas sociedades que há um entrecruzamento das práticas disciplinares com as técnicas de normalização dos comportamentos e da patologização de certos corpos. Essa assertiva nos autoriza a asseverar que sobre a superfície dos corpos com deficiência se explicita o cruzamento das práticas disciplinares e das técnicas de normalização, uma vez que esse cruzamento

4 Anne Waldschmidt, em “Who Is Normal? Who Is Deviant?”, texto que integra a obra *Foucault and Government of Disability*, nos adverte sobre a diferença entre normatividade e normalidade, embora, por vezes, essas técnicas operem simultaneamente, quando, por exemplo, normas jurídicas e instituições normalizadoras são operacionalizadas para disciplinar e normalizar a sociedade. A normatividade diz respeito ao poder das normas sociais e legais impostas às pessoas, por intermédio de regras externas que são capazes de impor-se coercitivamente sobre os indivíduos, que, subjugados, seguem-nas conformadamente. A coerção se faz através da ameaça de penalidades e sanções sociais ou legais. No que diz respeito à normalidade, esta funciona através de comparações entre as pessoas umas com as outras a partir de um padrão. As normas “[...] confrontam as pessoas com as seguintes questões: quem, ou como eu sou, ou como eu me comporto em comparação com outra pessoa?” (WALDSCHMIDT, 2015, p.194). A normalidade, foco das reflexões foucaultianas, se refere aos comportamentos e/ou características consideradas habituais e normais. Como elemento demarcador dessa distinção, podemos dizer que a normalidade não se refere à conformidade de um indivíduo em relação às leis externas, mas ao grau comparativo com outras pessoas.

5 “Com efeito, na ocasião da segunda conferência que Foucault dá no Rio de Janeiro em 1974, *La naissance de la médecine social*, o autor emprega a palavra biopolítica: “o corpo é uma realidade bio-política; a medicina é uma estratégia bio-política” (n.º 196, p. 210). Mas lançando mão de uma ideia que em verdade remonta ao século XIX, como mostra Bazzicalupo (2012, p. 23-4), Foucault colocou efetivamente em 1976 a noção de biopoder como operador analítico, e com ela a reflexão própria sobre uma biopolítica da população formada na modernidade” (SILVA, 2022, p. 152).

busca, a um só tempo, fazer com que esses corpos sejam invisibilizados por intermédio de técnicas que constroem uma compreensão estética-social-política-econômica de que o corpo da pessoa com deficiência é inapto para exercer com eficácia as atividades exigidas pelo sistema capitalista, e mitigar as possibilidades de resistência desses corpos diante das investidas das técnicas de controle e normalização. São poucos os corpos com deficiência cujas técnicas de correção conseguem dar-lhes um grau de produtividade eficiente e, assim, integrá-los no grupo dos “normais”. Diante desse quadro, deve-se manter esses corpos docilizados para que não questionem seu pertencimento a lugares de invisibilidade e abjeção: seu topos no interior de uma sociedade normalizadora.

São várias as camadas de caracterizações existenciais que, justapostas, exacerbam a invisibilidade do corpo da pessoa com deficiência. Essas camadas possuem faces bem definidas: feminino, negro, *Queer*, obesidade, velhice. Quando algumas dessas camadas se aglutinam sobre alguns seguimentos populacionais, há um incremento das práticas de violências. É o que ocorre com as pessoas negras com deficiência. A violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral degrada ainda mais a existência dessas pessoas.

Por muitos anos, no Brasil, esses atos violentos foram invisibilizados. Somente no ano de 2021 o *Atlas da Violência* – publicação anual criada em 2016, para divulgar dados da violência cometida no Brasil contra vários grupos sociais – começou a difundir os índices de violência cometida contra as pessoas com deficiência. À vista disso, embora o tema da invisibilidade dos corpos das pessoas com deficiência tenha ganhado destaque internacionalmente, por meio dos estudos das ciências sociais, tais como Sociologia, Antropologia, Ciências Políticas etc., no Brasil as pesquisas sobre essa temática ainda são escassas, principalmente pelo viés filosófico-estético, que direciona as presentes reflexões e os trabalhos artísticos expostos nesse artigo.

Refletir sobre a invisibilidade de corpos de pessoas com deficiência, fundamentalmente da população negra deficiente, ilumina um tema ainda pouco explorado. Ao mesmo tempo, materializá-los em trabalhos artísticos fomenta espaços de visibilidade para esses corpos.

Diante desse cenário, faz-se necessário refletir sobre algumas percepções que norteiam a relação das pessoas com deficiência com seus corpos. O sentimento de vergonha que leva ao encobrimento dos corpos das pessoas com deficiência é um tema comum das existências desse grupo populacional. Esse sentimento acarreta experiências comuns, como o uso constante de calças e roupas largas: itens “indispensáveis” da vestimenta cotidiana de uma pessoa com deficiência, que a impedem de ter uma vivência mais íntima com seu próprio corpo. Esse sentimento, compartilhado pelas pessoas com deficiência e, especificamente, pelas pessoas negras com deficiência, é capaz de suscitar as seguintes indagações: Quando se incidiu luz pública sobre os corpos de pessoas com deficiência, sem que essa luz andasse em par de expressões como: “coitado”, “como é estranho”?

Quando os corpos nus das pessoas negras com deficiência foram vistos em uma perspectiva estética?

3 DISABILITY STUDIES E AS AÇÕES DE RESISTÊNCIA CONTRA OS DISPOSITIVOS DE CONTROLE

No intuito de construir vias que reduzam a invisibilidade dos corpos negros com deficiência, as reflexões do presente artigo possuem duas linhas de atuação que se articulam: a pesquisa filosófica e a prática artística. Na primeira, procuramos pensar o lócus do corpo nu da pessoa negra com deficiência, articulando filosofia-política, estética e *Disability Studies*. Pela segunda via, os corpos nus das pessoas com deficiência serão expressos em trabalhos artísticos, desenhos que buscam construir um espaço capaz de proporcionar uma visibilidade para esses corpos para além dos leitos de hospitais e da privacidade de seus lares: únicos espaços onde um corpo de uma pessoa com deficiência pode ser visto em sua pura nudez.

Os *Disability Studies*, que emergiram nos anos de 1970 e 1980 no Reino Unido e nos países nórdicos, em um ambiente de lutas pelos direitos das pessoas com deficiência, constituem um aporte teórico imprescindível para as análises que estamos realizando no presente artigo. Foi com o posicionamento político e epistemológico que os *Disability Studies* foram capazes de fazer com que as pessoas com deficiência fossem vistas como sujeitos de direitos e não meros o(a)bjeto de experimentos biológicos e de intervenções médicas.

Os estudos sobre/das deficiências vieram à tona com o desenrolar dos movimentos pelos direitos das pessoas com deficiência, procurando tencionar essa temática para além da perspectiva dominante, ou seja, de que a deficiência é uma questão que diz respeito às alterações completas ou parciais de partes do corpo humano. Dentro desse quadro investigativo até então dominante, temos as ciências da saúde voltando-se para o corpo da pessoa com deficiência como lesionado, no intuito de “consertá-lo”, de “normalizá-lo”, para que ele se torne eficiente e, portanto, produtivo.⁶

Podemos afirmar que a partir da segunda metade do século XX em diante, o discurso médico em ascensão procurava responder às questões relacionadas às desigualdades sociais sofridas pelas pessoas com deficiência a partir de uma perspectiva meramente biológica, naturalizando esse quadro de opressão e invisibilidade. No interior desse discurso, a deficiência física deixa de ser encarada como um castigo

⁶ “A normal body is one which advances and develops its capacities on schedule and results in well-adapted, healthy, productive, and happy life. A body which does not adapt to this scientifically purified disciplinary order, a body which resists this training, which fails these examinations, which does not become happy, or healthy, or productive within the social organism, is abnormal” (McGUCHIN, 2007, p. 270).

divino⁷ e passa a ser compreendida como um “erro” da natureza ou de alguma sequela advinda de um acidente, que pode ser corrigida ou mitigada por meio de cirurgias ou tratamentos reabilitadores.

A visão da pessoa com deficiência como alguém defeituoso é fruto da captura desse corpo pelo saber médico, que toma para si o corpo lesionado no intuito de devolvê-lo para o convívio social, com os déficits físicos corrigidos ou atenuados. O saber médico substitui o ideal clássico de perfeição corporal pela mensuração do caráter orgânico da população, típicas da biopolítica. Esta mensuração descreve estatisticamente a população em percentuais que buscam traçar uma média de quantas pessoas possuem algum tipo de lesão física e quantos são “normais”. Todos os desvios físicos e intelectuais mensurados estatisticamente a partir dos padrões normalizadores devem ser examinados, classificados e, se possível, tratados.⁸ Embora o discurso científico tenha tirado da corporeidade da pessoa com deficiência o estigma de ser visto como um castigo divino contra alguma transgressão de seus progenitores, ele outorga a essa corporeidade uma marca que fomenta discursos capacitistas⁹: a ideia de que o corpo de uma pessoa com deficiência é um erro que precisa ser corrigido.

7 “[...] Na história da humanidade a imagem que muitos deficientes carregavam era a imagem de deformação do corpo e da mente. Tal imagem denunciava a imperfeição humana. Há relatos, segundo Gugel (2007), de pais que abandonavam as crianças dentro de cestos ou outros lugares considerados sagrados. Os que sobreviviam eram explorados nas cidades ou tornavam-se atrações de circos. O nascimento de indivíduos com deficiência era encarado como castigo de Deus; eles eram vistos como feiticeiros ou como bruxos. Eram seres diabólicos que deveriam ser castigados para poderem se purificar” (FERNANDES, 2011, p. 134).

8 Estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgadas em 2023, tendo como base os dados da Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2022, apontam que existem no Brasil mais de 18,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, o que equivale a 8,9% da população brasileira, considerando-a com idade igual ou superior a dois anos. Já em termos mundiais, calcula-se que existe mais de 1 bilhão de pessoas com alguma deficiência, o que equivale a 15% da população do mundo.

9 Preconceito contra a pessoa com deficiência. O capacitismo vem do inglês *ableism* e significa destratar ou ofender uma pessoa por ela ser deficiente. Os discursos capacitistas engendram ideias de que pessoas com deficiência são inferiores àquelas sem deficiência e que são incapazes de exercer determinadas tarefas e atividades. O capacitismo é um termo que se refere ao preconceito contra a pessoa com deficiência e se propagou nos anos de 1980, nos Estados Unidos da América, por ocasião dos movimentos pelos direitos das pessoas com deficiência. Para Itxi Guerra o capacitismo “É uma palavra que agora começa a ser ouvida com mais frequência nos movimentos sociais, mas seu significado e o que ela implica não é muitas vezes explorado em profundidade. O capacitismo é a opressão que nós as pessoas deficientes enfrentamos, e surge do sistema capacitista, que é o sistema social, político e econômico que discrimina, violenta, marginaliza e assassina as pessoas deficientes pelo fato de o serem. É um sistema no qual corpos e mentes são valorados de acordo com o padrão de normalidade, inteligência, excelência, magreza, utilidade, beleza... Este valor é determinado pelo capitalismo (e pelo Estado). Cria-se a ideia de uma pessoa ‘perfeita’, aquela que produz lucro para o sistema através de seu trabalho e de seu capital erótico” (GUERRA, 2021, p. 27).

Negar os benefícios que as ciências da saúde trouxeram para a vida das pessoas com deficiência seria um erro¹⁰. Contudo, é necessário ultrapassar a predominante compreensão da deficiência como um fenômeno oriundo de lesões, passível de tratamento por meio de medicalização. É imprescindível pensá-la em uma dimensão política. Em outras palavras, para se ter uma compreensão mais holística acerca das deficiências enquanto experiências humanas, é preciso enxergá-las para além dos argumentos e prescrições médicas. É preciso ter em mente que ao se falar sobre corpos de pessoas com deficiência os argumentos não podem se deter em suas dificuldades, mas devem se voltar também para as suas possibilidades, para aquilo que um corpo de uma pessoa com deficiência pode fazer.

4 UMA ESTÉTICA ANTICAPACITISTA

O movimento argumentativo construído nesse passo da pesquisa nos aproxima, reflexivamente, da compreensão de Débora Diniz acerca das deficiências, exposta pela antropóloga em sua obra *O que é deficiência*. Para Diniz, ser uma pessoa com deficiência é experimentar cotidianamente um corpo que não se encaixa nas normas, que assim é percebido quando contrastado com expressões de corpos sem deficiência, uma vez que as expressões de corpos DEFs em vários seguimentos da sociedade são praticamente nulas, inexistentes, principalmente no interior das múltiplas manifestações artísticas.¹¹ Uma das raras exceções fica reservada a uma pintura de meados do século XVI (Imagem 01), de autoria desconhecida, em que um homem com deficiência, nu, tem sua corporeidade expressa em uma pintura a óleo. Esta pintura está localizada no Castelo de Ambras perto de Innsbruck, na Áustria.

10 Para corroborar os benefícios que as ciências da saúde, em suas grandes áreas de atuação, trouxeram para a qualidade de vida de uma pessoa com deficiência, citarei as Tecnologias Assistivas. As Tecnologias Assistivas constituem-se como uma gama de equipamentos que se relacionam com um grande conjunto de recursos e serviços que promovem e ampliam características funcionais de pessoas com deficiência. São instrumentos facilitadores de funções, que aumentam a autonomia, a qualidade de vida e a independência de uma pessoa com deficiência. Exemplos de Tecnologias Assistivas são: OrCam MyEye2 (dispositivo de inteligência e visão artificial); Bengala Inteligente WeWALK (dispositivo que acoplado à bengala tradicional transforma-a em uma bengala inteligente); cadeiras de rodas motorizadas; adaptações veiculares para diversos tipos de deficiência física, próteses de membros superiores e inferiores.

11 Segundo Tobin Siebers, um dos mais importantes teóricos dos estudos relacionados às pessoas com deficiência, o papel oculto que os corpos deficientes desempenham na história da arte é de ser um contraponto ao ideal da beleza estética, ou seja, seu exato oposto. Segundo Siebers, “To argue that disability has a rich but hidden role in the history of art is not to say that disability has been excluded. It is rather the case that disability is rarely recognized as such, even though it often serves as the very factor that establishes works as superior examples of aesthetic beauty. Disability intercedes to make the difference between good and bad art—and not as one would initially expect” (SIEBERS, 2010, p. 65).

Figura 1 – Retrato de um homem com deficiência.



Fonte: Museu de História da Arte, Viena.

Os trabalhos artísticos, de autoria do artista visual Fábio Passos, devem ser tencionados enquanto um ponto de partida para as necessárias transformações socioculturais, entre as quais está a atenuação da estética anticapacitista. Seus trabalhos artísticos buscam criar narrativas imagéticas, por meio de desenhos, produzidos com grafite sobre folhas de papel extra branca (A3, 205g), que sejam capazes de expressar a potência estética da nudez dos corpos de pessoas negras com deficiência. Os trabalhos artísticos contidos neste artigo têm a intenção de revelar a fluidez, as curvaturas, as torções e as distorções de partes do próprio corpo do artista e de corpos de outras pessoas negras com deficiência, que participaram do projeto.

Os trabalhos artísticos, de autoria do artista visual Fábio Passos, devem ser tencionados enquanto um ponto de partida para as necessárias transformações socioculturais, entre as quais está a atenuação da estética anticapacitista. Seus trabalhos artísticos buscam criar narrativas imagéticas, por meio de desenhos, produzidos com grafite sobre folhas de papel extra branca (A3, 205g), que sejam capazes de expressar¹² a potência estética da nudez dos corpos de pessoas negras com deficiência. Os trabalhos artísticos contidos neste artigo

12 Utilizarei o vocábulo “expressar” para me referir às poéticas artísticas que fazem emergir novas significações, forças esquecidas. No que tange ao tema balizador da presente obra, me volto para o corpo da pessoa com deficiência e para a “expressão” de sua nudez, de sua potência, de sua capacidade de revelar o (In) VISÍVEL, por meio de linguagens artísticas, como o desenho. Creio que o ato de “expressar” corpos nus de pessoas com deficiência “[...] torna-se um dispositivo para fazer funcionar outra dimensão da obra: a que atua fora e para além da presença e da representação” (DIAS, 2019, p. 199).

têm a intenção de revelar a fluidez, as curvaturas, as torções e as distorções de partes do próprio corpo do artista e de corpos de outras pessoas negras com deficiência, que participaram do projeto.

A escolha das posições e das partes dos corpos que foram desenhadas são fruto de diálogo constante, na busca por expressar um trabalho artístico que tenha uma ampla participação das pessoas negras com deficiência. Cicatrizes e deficiências, cortes, dores e resiliência são elementos constituidores dos desenhos de Fábio Passos, que buscam expressar para além da imagem plausível, da imagem de corpos “normais” (Figuras 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09 e 10).

Figura 2 – Lua nova I, da Série (In)VISÍVEIS, 2020



Fonte: acervo do autor

Figura 3 – Lua nova II, da Série (In)VISÍVEIS, 2020



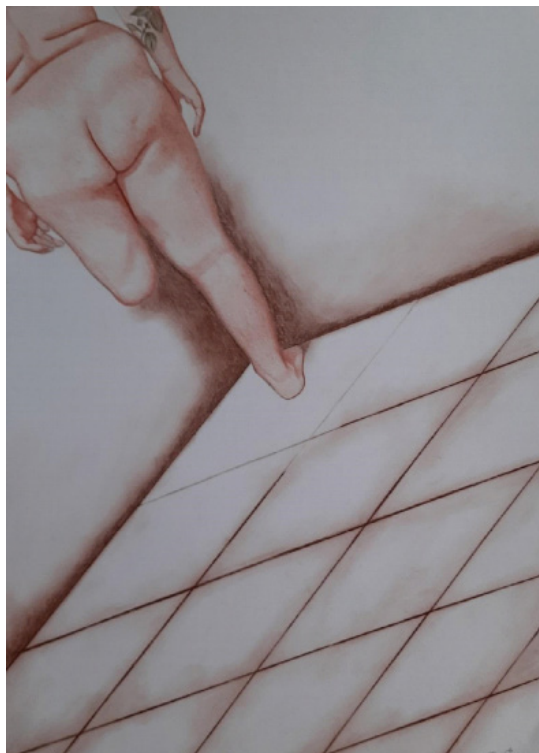
Fonte: acervo do autor

Figura 4 – Lua nova III, da Série (In)VISÍVEIS, 2020



Fonte: acervo do autor

Figura 5 – (Em)canto, da Série (In)VISÍVEIS, 2021



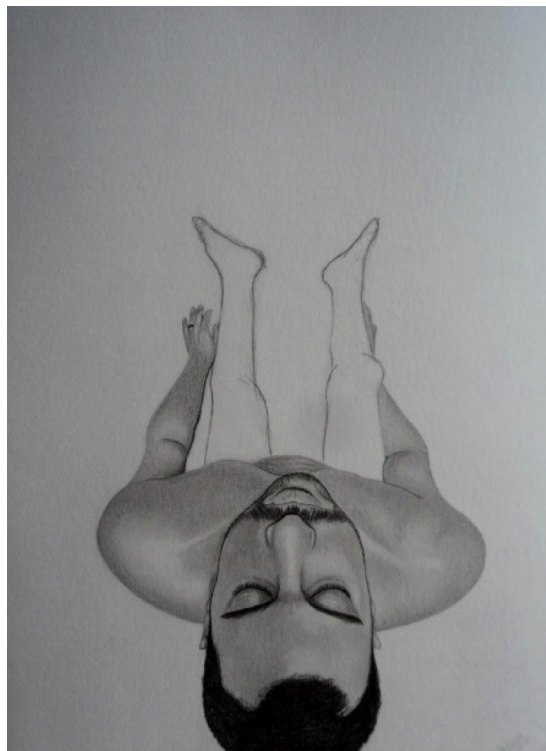
Fonte: site do autor

Figura 6 – Abjeto I, da Série (In)VISÍVEIS, 2020



Fonte: acervo do autor

Figura 7 – Abjeto II, da Série (In)VISÍVEIS, 2020



Fonte: acervo do autor

Figura 8 - Abjeto III, da Série (In)VISÍVEIS, 2020



Fonte: acervo do autor.

Figura 9 – Abjeto IV, da Série (In)VISÍVEIS, 2020



Fonte: acervo do autor

Figura 10 – Abjeto V, da Série (In)VISÍVEIS, 2020



Fonte: acervo do autor

A ressignificação dos corpos nus das pessoas negras com deficiência por meio das

artes visuais, especificamente do desenho, em nosso entendimento, permite propor novas percepções que devem ser tomadas como enfrentamento à abjeção e à estética hegemônica capacitista, possibilitando novas maneiras de perceber o mundo contemporâneo. Esses corpos apresentam-se como questionadores e desestabilizadores dos padrões normalizadores impostos. Os corpos nus das pessoas negras com deficiência constituem-se como fenômeno capaz de criar rachaduras nas estruturas que sustentam os padrões estéticos estabelecidos, uma vez que a imagem desses corpos suspende a crença de haver uma métrica universal, que não é capaz de “mensurar” os corpos torcidos, retorcidos, amputados e atrofiados: o vigor de um corpo nu de uma pessoa negra com deficiência.

As imagens produzidas durante o estágio pós-doutoral do autor Fábio Passos foram feitas a partir de fotografias enviadas pelos/as modelos após serem contactadas, estas concordaram com o projeto e autorizaram a divulgação das mesmas. Seus corpos ressignificados por meio do desenho possibilitam o questionamento das imagens dos corpos padronizados, predominantes nos nus artísticos ao longo da história da arte, permitindo a ampla divulgação de corpos de pessoas com deficiência, incluindo o corpo do próprio artista.

6 CONCLUSÃO

Por intermédio do texto acadêmico e dos trabalhos artísticos, procuramos revelar os corpos nus das pessoas negras com deficiência que são ocultados e, assim, apresentar uma beleza que para muitos é inexistente, uma vez que esses corpos são vistos como feios e não merecedores de serem expostos em formas artísticas. Através dessas linguagens, procuramos construir uma narrativa visibilizadora desses corpos, capaz de proporcionar um empoderamento de suas idiossincrasias, na mesma medida em que revelará uma potência política-sociocultural que desestabiliza os padrões que sustentam o mundo “socialmente normalizado”.¹³

13 Texto revisado por Jaime Sousa de Freitas. Graduado em Letras - Português pela Universidade Estadual do Piauí. CV: <https://lattes.cnpq.br/2899079520118236>. <https://orcid.org/0009-0007-6557-4098>. E-mail: jaimesousa072@gmail.com.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Corpos que Importam**: Os limites discursivos do “sexo”. Tradução Verónica Daminelli e Daniel Yago França. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019.

DIAS, Fernando Rosa. Estatutos do corpo na arte contemporânea. *In*: **CorpoIMAGEM**: representações do corpo na ciência e na arte. Lisboa – Portugal: Faculdade de Belas Artes (FBUL), Universidade de Lisboa, Portugal, 2019, p. 197 - 205.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

FERNANDES, Sueli. **Fundamentos para educação especial**. Curitiba: 2. Ed. Ver. E atual. Ibepex, Série Fundamentos da Educação, 2011.

GUERRA, Itxi. **Luta contra o capacitismo: anarquismo e incapacitismo**. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2021.

McGUSHIN, Edward F. **Foucault's askesis: an introduction to the philosophical life**. Cidade: Northwestern University Press, 2007.

SIEBERS, Tobin. **Disability Aesthetics**. Michigan: University of Michigan Press, 2010.

SILVA, Julia de Paula Sales. **Por uma “História Política do Poder”**: A materialidade do poder no pensamento de Michel Foucault. 2022. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Portugal: Nova Vega, 2012.

WALDSCHMIDT, Who Is Normal? Who Is Deviant, *In*: TREMAIN, Shelley, ed. **Foucault and the Government of Disability**. University of Michigan Press, 2015.

Lista de Imagens

FIGURA 1. **Retrato de um homem com deficiência**. Autor desconhecido. Óleo sobre tela, século XVI. Museu de História da Arte, Viena. Disponível em: <http://bidok.uibk.ac.at/projekte/bildnis/>. Acesso em: 09 de julho de 2022.

FIGURA 2. **Lua nova I**. *In.*: PASSOS, Fábio. (In)VISÍVEIS. Disponível em: www.fabiopassos.com. Acesso em: 24 de fevereiro de 2023.

FIGURA 3. **Lua nova II**. *In.*: PASSOS, Fábio. (In)VISÍVEIS. Disponível em: www.fabiopassos.com. Acesso em: 24 de fevereiro de 2023.

FIGURA 4. **Lua nova III**. *In.*: PASSOS, Fábio. (In)VISÍVEIS. Disponível em: www.fabiopassos.com. Acesso em: 24 de fevereiro de 2023.

FIGURA 5. **(Em)Canto**. *In.*: PASSOS, Fábio. (In)VISÍVEIS. Disponível em: www.fabiopassos.com. Acesso em: 24 de fevereiro de 2023.

FIGURA 6. **Abjeto I**. *In.*: PASSOS, Fábio. (In)VISÍVEIS. Disponível em: www.fabiopassos.com. Acesso em: 24 de fevereiro de 2023.

FIGURA 7. **Abjeto II**. *In.*: PASSOS, Fábio. (In)VISÍVEIS. Disponível em: www.fabiopassos.com. Acesso em: 24 de fevereiro de 2023.

FIGURA 8. **Abjeto III**. *In.*: PASSOS, Fábio. (In)VISÍVEIS. Disponível em: www.fabiopassos.com. Acesso em: 24 de fevereiro de 2023.

FIGURA 9. **Abjeto IV**. *In.*: PASSOS, Fábio. (In)VISÍVEIS. Disponível em: www.fabiopassos.com. Acesso em: 24 de fevereiro de 2023.

FIGURA 10. **Abjeto V**. *In.*: PASSOS, Fábio. (In)VISÍVEIS. Disponível em: www.fabiopassos.com. Acesso em: 24 de fevereiro de 2023.

Data de Submissão: 24/03/2023

Data de aceite: 08/08/2023

Data de publicação: 01/10/2023

